

Interação social e qualidade de vida estudantil: um estudo do Centro de Convivência da UFERSA a partir da Psicologia Ambiental

Interacción social y calidad de vida estudiantil: un estudio del Centro de Convivência de la UFERSA basado en la Psicología Ambiental

Sessão Temática: Ambiente construído, tecnologia e sustentabilidade

OLIVEIRA, Leonardo; Doutorando em Arquitetura; Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

arq.leonardo.oliveira@gmail.com

FERNANDES, Dalila Barbosa; Graduanda em Arquitetura e Urbanismo; Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA

dalila.fernandes@alunos.ufersa.edu.br

MAIA, Karen Freire Silva; Graduanda em Arquitetura e Urbanismo; Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA

karen.maia@alunos.ufersa.edu.br

CARVALHO, Vitoria de Moura; Graduanda em Arquitetura e Urbanismo; Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA

vitoria.carvalho81925@alunos.ufersa.edu.br

Resumo

Desde a perspectiva da arquitetura, a universidade deve proporcionar acolhimento e qualidade de vida aos estudantes por meio do ambiente construído, que influencia e é influenciado pelos ocupantes, configurando uma dinâmica cuja compreensão pode ser auxiliada pela Psicologia Ambiental. Neste artigo, buscou-se examinar o ambiente, que surge da inter-relação mútua entre alunos e espaço físico, do Centro de Convivência da UFERSA (campus de Pau dos Ferros-RN), aclarando o impacto da interação social na qualidade de vida dos discentes e chamando atenção para a importância de haver meios que favoreçam essa interação. Para tal, recorreu-se ao método do *Behavior Setting*, que produziu dados posteriormente analisados à luz de fontes obtidas com a pesquisa bibliográfica. Concluiu-se ser por meio da inter-relação entre as condições físicas e sociais do ambiente que os graduandos se reconhecem como parte de um grupo, configurando uma relação de interação total que pode resultar em descobertas úteis para construir uma sociedade mais inclusiva, autônoma e crítica.

Palavras-chave: Ambiente construído, estudantes universitários, *Behavior Setting*.

Resumen

Desde una perspectiva arquitectónica, la universidad debe proporcionar acogida y calidad de vida a los estudiantes a través del entorno construido, que influye y es influido por los ocupantes, configurando una dinámica cuya comprensión puede ser auxiliada por la Psicología Ambiental. En este artículo, buscamos examinar el ambiente, que surge de la interacción mutua entre los estudiantes y el espacio físico, del Centro de Convivência de la UFERSA (campus Pau dos Ferros-RN), aclarando el impacto de la interacción social en la calidad de vida de los estudiantes y llamando la atención sobre la importancia de contar con medios que favorezcan esta interacción. Para ello, se utilizó el método Behavior Setting, que produjo datos posteriormente analizados a la luz de fuentes obtenidas de la investigación bibliográfica. Se concluyó que, a través de la interacción con las condiciones físicas y sociales del entorno, los estudiantes universitarios se reconocen como parte de un grupo, configurando una relación de interacción total que puede resultar en descubrimientos útiles para construir una sociedad más incluyente, autónoma y crítica.

Palabras clave: Entorno construido, estudiantes universitarios, Behavior Setting.

1. Introdução

Os centros de convivência das universidades são espaços que possuem mais de uma função e abrigam a comunidade acadêmica em diversas circunstâncias: antes e depois dos horários de aula; nos intervalos entre aulas; durante refeições, eventos culturais e/ou acadêmicos e reuniões estudantis; e outros. De acordo com Soares *et al.* (2019, p. 11), os locais de convivência oferecidos pelas instituições de ensino propiciam aos alunos a interação social, algo que se reflete na adaptação dos estudantes à universidade, pois nesses ambientes os alunos trocam experiências e conhecimentos entre si que são importantes para facilitar a integração ao ensino superior. A probabilidade de os alunos apresentarem relações interpessoais satisfatórias no ambiente estudantil aumenta à medida que se intensifica o envolvimento social, o que favorece não apenas essa adaptação mas também o rendimento acadêmico daqueles (SOARES *et al.*, 2014, p. 55), o qual pode ser positivamente influenciado pela existência de um círculo de amizades durante o curso superior.

Esses dados trazem à baila a importância de se atentar às relações, retroalimentadas, entre os estudantes das universidades e os ambientes construídos dos centros de convivência, já que estes são interpretados pelos próprios alunos como espaços de interação social onde é possível diminuir o nível de estresse decorrente da vida acadêmica. Portanto, os centros de convivência devem favorecer, sempre que possível, esse convívio, que pode ser possibilitado pela arquitetura edificada desses espaços e pelos elementos naturais e construídos neles presentes. É necessário, ainda, que tais locais sejam universalmente acolhedores e convidativos, demanda que envolve a resolução de questões projetuais relativas à acessibilidade, à ergonomia, ao conforto térmico e acústico etc. e pode implicar o planejamento de paisagens de escala reduzida, as quais podem contribuir para a qualidade

estética do ambiente e estimular a preservação da flora a partir de projetos de conscientização.

Todos esses fatores se reportam à área da Psicologia Ambiental, que tem sido definida, resumidamente, como a área que estuda as relações entre as pessoas e os ambientes a fim de promover uma interação harmônica entre ambos, a qual culmina no bem-estar humano e na sustentabilidade ambiental. Para tanto, a Psicologia Ambiental propõe alguns objetivos gerais, como estudar a relação pessoa-ambiente de maneira holística; enfatizar a dimensão social da relação humano-ambiental; e aplicar os conhecimentos obtidos para aprimorar a qualidade ambiental e, por conseguinte, a qualidade de vida (QV) dos usuários dos ambientes (WIESENFELD, 2005, p. 54-55), compreendida, de acordo com a Organização Mundial da Saúde, como a “[...] percepção de um indivíduo da sua posição de vida no contexto da cultura e dos sistemas de valores em que vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”¹. Acredita-se que o estudo da Psicologia Ambiental pode contribuir, como consequência, para a formação de profissionais mais aptos a enfrentar as adversidades do mundo laboral visto que ela traz à consciência o impacto dos ambientes nas relações interpessoais e no desempenho de atividades e, ademais, possibilita a educação ambiental dos alunos universitários, trazendo com isso a esperança de que eles possam encontrar meios de reverter o preocupante cenário ambiental atual.

Isto posto, o objeto deste artigo consiste no ambiente que surge a partir da interação mútua entre os estudantes e o espaço físico da universidade, o Centro de Convivência (CC) da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA – campus de Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte). Buscou-se evidenciar o impacto da interação social na QV dos estudantes universitários do nível de graduação, chamando atenção para a importância de haver espaços educacionais que favoreçam esse convívio. Para que esse objetivo fosse alcançado, recorreu-se, em um primeiro momento, ao método do *Behavior Setting* (BS)², aplicado no CC da UFERSA. Essa aplicação foi guiada pelo roteiro de análise proposto pela arquiteta e psicóloga brasileira Gleice Azambuja Elali (2002) e produziu dados³ posteriormente analisados à luz da literatura, relativa sobretudo à Psicologia Ambiental e a outras áreas da psicologia, encontrada com a pesquisa bibliográfica.

¹ Tradução livre do original: “[...] *perception of their position in life in the context of the culture and value systems in which they live and in relation to their goals, expectations, standards and concerns.*” (WHOQOL..., 2022).

² Em linhas gerais, *behavior settings* são entidades empíricas, unidades ou conjuntos naturais limitados no tempo e no espaço, nos quais determinados modelos/padrões estáveis de comportamento ou ação acontecem sempre de forma semelhante em um meio específico, representado por condições físicas e sociais. Esse conceito foi elaborado em meados do século XX pelo cientista social estadunidense Roger Garlock Barker (1903-1990), que descreve um *behavior setting* como uma entidade mista, constituída pela interação entre o comportamento humano e o ambiente, onde os ocupantes podem alcançar diversas satisfações em um mesmo meio (físico e social). Um *behavior setting* contém oportunidades e um *setting* só existe quando fornece a seus ocupantes as condições psicológicas que as naturezas únicas destes exigem. A diversidade das satisfações a serem alcançadas pelos indivíduos contribui para a estabilidade do *setting* (1968, p. 219-220).

³ Cabe destacar que tais dados são oriundos da observação da realidade, caracterizada pelos três *settings* analisados.

O desenvolvimento do artigo foi estruturado em duas partes: a primeira, intitulada *Descrição da interação social entre os estudantes da UFERSA a partir do Behavior Setting*, possibilitou a identificação de elementos, ações e padrões de comportamento que ocorrem no ambiente analisado, moldado pela interação mútua entre os alunos e o espaço físico do CC. Três *settings* foram estudados (BS1: chegada do ônibus dos alunos à UFERSA; BS2: interação nos assentos internos do CC; e BS3: interação na cantina e na área de alimentação), juntamente com todos os elementos que os caracterizam: cena típica, limite temporal, limite geográfico, componentes humanos, componentes não-humanos, programa, hierarquia de posições, número de pessoas, satisfação proporcionada pelo *setting*, sistemas autorreguladores, sinormofia, ponto focal de comportamento e croqui da planta de edificação do meio físico. A segunda parte, intitulada *Análise ambiental do Centro de Convivência*, buscou examinar os dados obtidos com a aplicação do BS, tendo como apoio teórico outros estudos que, em geral, tratam dos temas da interação social entre alunos universitários e espaços de convivência de universidades. Para tal, a análise foi desenvolvida a partir de três aspectos diretamente relacionados com a arquitetura: mobiliário, função da área de alimentação e vegetação. A conclusão resumiu as principais ideias do texto e apontou sugestões para futuros estudos similares.

2. Descrição da interação entre estudantes da UFERSA a partir do *Behavior Setting*

2.1 Behavior Setting (BS1)

Chegada do ônibus dos alunos à UFERSA.

2.1.1. Cena típica

Os discentes descem do ônibus em fila única para que haja um melhor fluxo de saída do veículo. Quem está dentro do ônibus aguarda a vez de descer em pé ou sentado nos assentos internos.

2.1.2. Limite temporal

Ocorre diariamente entre 16h e 17h, embora o dia de observação do *setting* tenha sido uma quarta-feira.

2.1.3. Limite geográfico

Entrada do CC da UFERSA (campus de Pau dos Ferros-RN), situada na BR-226, s/n, bairro São Geraldo, Pau dos Ferros-RN.

2.1.4. Componentes humanos

Um motorista (condutor do veículo) e dez alunos sentados que foram transportados. Alguns destes sozinhos, no assento da janela, e outros acompanhados.

2.1.5. Componentes não-humanos

Cadeiras com cinto de segurança, degraus para embarque e desembarque no ônibus, o veículo em si, pavimento intertravado no qual o ônibus trafega, escada, rampa e corrimões.

2.1.6. Programa

Ao descer do ônibus, alguns alunos aguardaram os colegas perto da porta do veículo para irem juntos em direção ao bloco de salas de aula. Outros discentes pararam no CC (situado entre o ponto de parada do ônibus⁴ e os blocos de sala de aula) e socializaram com estudantes que estavam fazendo refeições na área de alimentação. O desembarque aconteceu de maneira ordenada.

2.1.7. Hierarquia de posições

Os estudantes e o motorista do ônibus foram participantes ativos do *setting* (este último teve a responsabilidade de se certificar que todos descessem do ônibus com segurança), ao passo que os pesquisadores foram, além de espectadores, participantes ativos, não interferindo no *setting* nem nas satisfações proporcionadas por ele.

2.1.8. Número de pessoas

Para que houvesse interação, a quantidade mínima foi duas pessoas e, a máxima, dez.

2.1.9. Satisfação proporcionada pelo *setting*

Ao saírem do veículo, os estudantes tiveram os órgãos sensoriais (olhos, pele e nariz) estimulados pela vegetação que margeia o CC.

2.1.10. Sistemas autorreguladores

Não foram verificados sistemas autorreguladores no *setting*, mas, no momento que imediatamente o antecedeu, ao se aproximar do ponto de parada do ônibus, uma aluna (mecanismo sensor) observou que o motorista estava conduzindo o veículo a uma velocidade consideravelmente alta (problema específico). Estando os alunos aglomerados e em pé, preparados para descer do ônibus, essa aluna solicitou (reação do mecanismo sensor) ao motorista (mecanismo executor) que não freasse o veículo de modo repentino. Assim, o condutor reduziu vagarosamente a velocidade (mecanismo de ação, tipo contra-desviante) e orientou os alunos a aguardarem o ônibus, após as aulas, a uma distância segura do ponto de parada.

2.1.11. Sinomorfia

O ônibus dos alunos é um veículo de piso alto⁵ e dispõe de dois degraus para embarque e desembarque. Entre o degrau mais baixo e o piso abaixo, há um desnível considerável (40 cm), o qual demanda certo esforço físico do passageiro para embarcar e desembarcar no veículo⁶. Ademais, ao não dispor de plataforma elevatória veicular, o ônibus impossibilita o acesso de pessoas em cadeira de rodas (P.C.R.), não contemplando o primeiro princípio do desenho universal (uso

⁴ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (2011, p. 3), um ponto de parada é uma “área localizada, ao longo do trajeto do veículo, que permite o embarque e desembarque.”

⁵ Que, conforme a ABNT (2011, p. 3), é “aquele que possui como característica construtiva todo o piso do compartimento interno acima do plano formado entre as linhas do centro das rodas”.

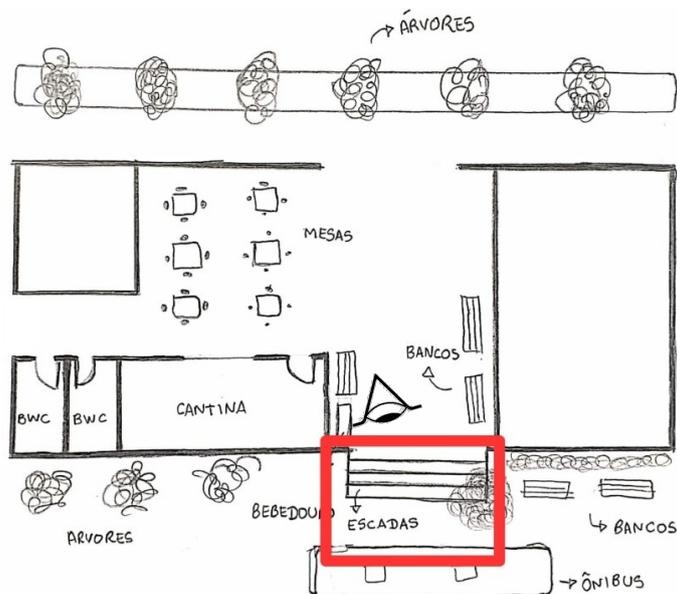
⁶ Neste caso, pode-se dizer que o sexto princípio do desenho universal (baixo esforço físico) não foi contemplado.

equitativo) e sendo, portanto, inacessível⁷. Por outro lado, pode-se dizer que o CC é acessível, pois atende a duas formas de deslocamento vertical⁸: escada e rampa.

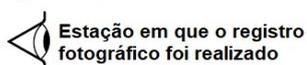
2.1.12. Ponto focal de comportamento

Ao descerem do ônibus, o foco da maioria dos discentes foi o bloco de salas de aula. Para alguns, o foco foi o CC.

Figura 1: Croqui da planta de edificação do CC com destaque para o ponto de parada do ônibus dos alunos.



Legenda:



Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

⁷ Uma vez que, segundo a ABNT (2020, p. 2), um transporte “acessível” pode ser utilizado por “qualquer pessoa”.

⁸ De acordo com a ABNT (2020, p. 53), a circulação vertical é considerada acessível quando atende a, no mínimo, duas formas de deslocamento vertical.

Figura 2: Registro fotográfico do ponto de parada do ônibus dos alunos.



Fonte: Os autores, 2022.

2.2 Behavior Setting (BS2)

Interação nos assentos internos do CC.

2.2.1. Cena típica

Enquanto alguns discentes ficam sentados nos bancos de madeira localizados no interior do CC, outros permanecem em pé, ao redor dos assentos e dos alunos neles acomodados.

2.2.2. Limite temporal

O mesmo do BS1.

2.2.3. Limite geográfico

O mesmo do BS1.

2.2.4. Componentes humanos

Em um dos três assentos, havia quatro alunos sentados e dois, de frente para o assento, em pé. Em outro, ao lado, estavam dois alunos sentados e dois em pé interagindo com eles; e, no terceiro, um pouco mais afastado, não havia ninguém.

2.2.5. Componentes não-humanos

Três bancos de madeira, estando dois posicionados um ao lado do outro, ambos de costas para a parede interna de maior dimensão do CC. O terceiro, um pouco mais afastado, ficava próximo ao bebedouro e de frente para os dois primeiros.

2.2.6. Programa

Os discentes, quando liberados das aulas, se reúnem no CC por ser um local relativamente arborizado e que dispõe de cantina, mesas para refeições, banheiros, assentos isolados e o ponto de parada do ônibus dos alunos. Na parte interna do CC, por esses assentos estarem localizados entre a cantina e o ponto de parada, eles configuram um lugar apropriado para a interação entre os estudantes. Tal

interação acontece, geralmente, antes e depois das aulas e pode estar associada a refeições rápidas realizadas pelos discentes. Por não haver muito espaço físico entre os assentos, a probabilidade de ocorrer proximidade e contato físico entre pessoas é aumentada, o que pode facilitar e qualificar a interação social. De fato, os alunos que permanecem sentados, um ao lado do outro, desenvolvem uma interação social mais intensa; os que estão em pé, ao poderem se locomover para se aproximar ou afastar dos demais, regulam o quanto querem interagir, podendo intensificar ou interromper a comunicação.

2.2.7. Hierarquia de posições

Os dez alunos observados foram participantes ativos do *setting*, enquanto os pesquisadores foram espectadores.

2.2.8. Número de pessoas

Foram necessários, no mínimo, dois participantes para que houvesse interação nesse *setting*. No máximo, puderam participar dez pessoas (seis acomodadas nos assentos e quatro em pé).

2.2.9. Satisfação proporcionada pelo *setting*

Enquanto aguardavam o início da aula, a chegada do ônibus ou a finalização do preparo da refeição adquirida, os alunos conversaram entre si sobre assuntos não relacionados às demandas acadêmicas. Verificou-se que os órgãos sensoriais foram estimulados, pois alguns alunos contemplavam a vegetação próxima ou acariciavam os cães (Cacau e Margarida) que vivem no campus e são cuidados e alimentados pelos funcionários.

2.2.10. Sistemas autorreguladores

Não foram verificados sistemas autorreguladores no *setting*.

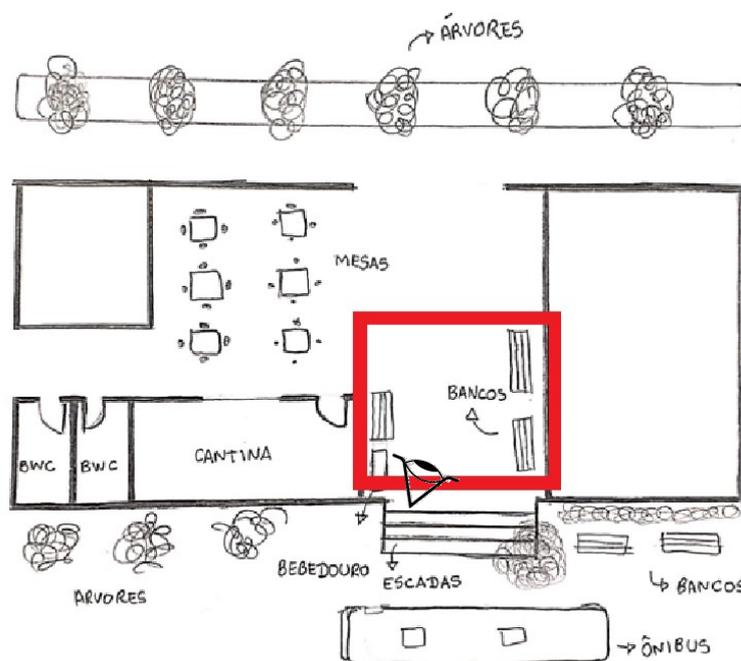
2.2.11. Sinomorfia

Os assentos foram posicionados estrategicamente (entre a cantina e o ponto de parada do ônibus, permitindo que os alunos estivessem a par da chegada e saída deste) e, embora sejam seguros do ponto de vista construtivo e confeccionados com altura universalmente adequada, a madeira pode provocar dores no corpo caso o ocupante permaneça sentado por muito tempo. Logo, há sinomorfia apenas em caso de curta permanência nos bancos.

2.2.12. Ponto focal de comportamento

Uma vez que a maioria dos estudantes vão para casa após as aulas, verificou-se que o ponto focal desse *setting* foi o ponto de parada do ônibus dos alunos. Por um momento, imediatamente anterior à chegada do veículo, o ponto focal foi representado pelos bancos de concreto externos ao CC, nos quais a interação social prosseguiu.

Figura 3: Croqui da planta de edificação do CC com destaque para a área dos assentos (bancos) analisados.



Legenda:

◀ Estação em que o registro fotográfico foi realizado

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

Figura 4: Registro fotográfico da área dos assentos (bancos) analisados.



Fonte: Os autores, 2022.

2.3 Behavior Setting (BS3)

Interação na cantina e na área de alimentação.

2.3.1. Cena típica

Há sete mesas. Uma está ocupada por quatro discentes; outra com três discentes; outras duas com dois discentes (um em cada mesa); e as três últimas, vazias.

Funcionários da universidade realizam a limpeza do CC e atendentes da cantina comercializam e preparam refeições.

2.3.2. Limite temporal

O mesmo dos BS1 e BS2.

2.3.3. Limite geográfico

O mesmo dos BS1 e BS2.

2.3.4. Componentes humanos

Nove alunos, dois funcionários da limpeza e três funcionários da cantina, totalizando catorze participantes.

2.3.5. Componentes não-humanos

Sete mesas (sendo uma delas maior que as outras) e vinte e oito cadeiras de plástico, um freezer e uma lixeira (na área de alimentação). Na cantina, dois freezers, uma estufa de salgados, um balcão de atendimento, um balcão de apoio contendo diversos produtos comestíveis embalados e um caixa para dinheiro.

2.3.6. Programa

Durante o intervalo entre as aulas, os discentes costumam se dirigir à cantina para se alimentar, o que envolve a interação com atendentes e outros alunos na fila, que se forma para a aquisição de produtos e/ou refeições, e na área de alimentação. Após adquirir o produto ou a refeição, os estudantes escolhem uma mesa com cadeiras disponíveis. É comum encontrar mesas sem cadeiras, que foram retiradas por alguém. Geralmente, quando há muitos alunos de uma mesma turma, eles juntam duas mesas menores para que possam se sentar mais próximos uns dos outros.

2.3.7. Hierarquia de posições

Excluindo os pesquisadores, que foram espectadores, todos os outros participantes do *setting* foram ativos, com destaque para os funcionários da cantina, que tiveram o papel de interagir, comercializar e preparar refeições e avisar os alunos quando estas estivessem prontas.

2.3.8. Número de pessoas

Estima-se que o número máximo de ocupantes nesse *setting* seria de trinta e nove pessoas (vinte e oito sentadas nas cadeiras de plástico, cinco em pé na fila, três trabalhando na cantina e duas ou três realizando a limpeza do local). Para haver interação social, foram necessárias no mínimo duas pessoas.

2.3.9. Satisfação proporcionada pelo *setting*

Ao haver um meio físico organizado, limpo, naturalmente ventilado e iluminado e com espaço amplo entre as mesas e cadeiras, tende-se a se criar um ambiente mais propício ao desempenho da atividade da alimentação.

2.3.10. Sistemas autorreguladores

Em determinado momento, um dos estudantes derramou refrigerante no chão (problema específico) e uma das funcionárias da limpeza (mecanismo executor) se dirigiu ao local (reação do mecanismo sensor) para limpar (mecanismo de ação, tipo

veto) antes que alguém pisasse no líquido. O discente que havia derramado a bebida ajudou a funcionária e lhe agradeceu em seguida.

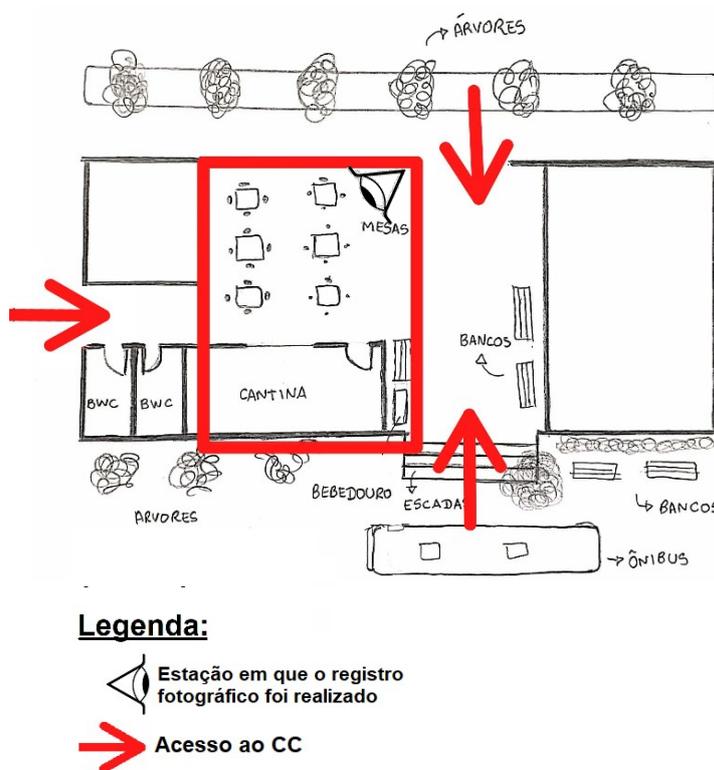
2.3.11. Sinomorfia

Uma das mesas da área de alimentação é maior que as outras, o que é um ponto positivo, porque permite que mais alunos se reúnam ao redor dela sem precisar juntar duas (ou mais) mesas menores.

2.3.12. Ponto focal de comportamento

Nesse *setting*, os focos dos discentes foram dois: a cantina, primeiramente, e a área de alimentação.

Figura 5: Croqui da planta de edificação do CC com destaque para a cantina e a área de alimentação.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

Figura 6: Registro fotográfico da cantina e da área de alimentação.



Fonte: Os autores, 2022.

3. Análise ambiental do Centro de Convivência

Segundo Cardoso *et al.* (2019), o período universitário é pautado pelo fomento de relações interpessoais, entre outros fatores. Entretanto, como ressaltam Nogueira-Martins e Nogueira-Martins (2018, p. 335), as experiências durante o curso de graduação, as quais envolvem essas relações, são vivenciadas de maneiras distintas e dependem de diversas razões, uma delas dizendo respeito às características individuais do(a) estudante, que implica a presença de mais ou menos facilidade de interagir com os pares.

Fato é que, nesse período, os estudantes passam por momentos de mudança, frustração e crescimento. Portanto, a universidade contribui para a edificação do conhecimento relativo à formação profissional desses ao mesmo tempo em que pode desencadear sintomas de distúrbios patológicos – como estresse, presente em alunos de todos os cursos de graduação (CARDOSO *et al.*, 2019), ansiedade e/ou depressão –, os quais podem afetar diretamente a QV dos alunos. Contar com um círculo de amizades e uma rede de apoio pode atenuar esses sintomas gerados pela rotina universitária, já que dialogar e trocar experiências (muitas vezes similares) permite que o(a) estudante se sinta emocionalmente compreendido(a) e amparado(a). Isso foi demonstrado por Lee e Graham (2001), que observaram que estudantes de medicina de uma universidade norte-americana recorriam, como mecanismo de enfrentamento do estresse, ao diálogo com os pares. Anversa *et al.* (2018, p. 630), por sua vez, examinaram graduandos de cursos da área da saúde de uma universidade brasileira e concluíram que os ingressantes desses cursos tendem a apresentar uma QV mais baixa, o que pode ser justificado, entre outros fatores, pela fragilidade dos vínculos sociais.

De acordo com Krausz (2021, p. 86), algumas universidades de países estrangeiros identificaram as necessidades dos estudantes e ofereceram um mobiliário que servisse tanto para descansar como para estimular a socialização. Na UFRS, durante a pandemia provocada pela Covid-19, a prefeitura do campus solicitou um terceiro banco de madeira (antes havia dois) para a área interna do CC, o que maximizou as chances de interação social nesse ambiente. No caso das mesas da área de alimentação, tanto as de menores dimensões como a maior, acredita-se que poderiam favorecer mais a socialização se tivessem formato circular, configurando um arranjo que encoraja e aumenta a interação visual dos ocupantes e, logo, contribui para o desenvolvimento de relações interpessoais. Isso também é indicado por Krausz (2021, p. 91), que afirma que quando as pessoas se sentam formando um círculo, elas conseguem visualizar mais facilmente as características físicas (rostos, olhos, bocas e expressões faciais) e a linguagem corporal umas das outras, tornando, assim, o ambiente mais propício à socialização.

Na prática arquitetônica, é importante considerar não apenas a função do espaço mas a experiência que ele promove individualmente e coletivamente, bem como a interação entre os movimentos corporais, provenientes do desempenho de atividades, e o meio físico. Nessa interação, a influência dos componentes humanos e não-humanos que compõem o ambiente é contínua e significativa. No caso do mobiliário do CC, avalia-se como positivo o espaçamento entre os assentos de madeira e entre as mesas e cadeiras de plástico, visto que esse espaçamento pode promover a sensação de liberdade de ação e regular a interação com outros ocupantes. Igualmente, o fato de o mobiliário não ser fixo traz aos alunos a flexibilidade de adaptar e modificar o ambiente tal como queiram (principalmente no que tange às mesas e cadeiras de plástico, por se tratar de um material mais leve), o que aumenta as chances de esses ocupantes se apropriarem de um espaço que atenda a demandas individuais ou coletivas.

Um ambiente vazio ou com mobiliário desconfortável e/ou ergonomicamente inadequado provavelmente teria menos chances de ser ocupado pelos estudantes (e, portanto, de ser um receptáculo de encontros sociais) em períodos extraclasse, momentos em que esses alunos podem refletir e ter as capacidades de (re)criação de conhecimentos potencializadas, acontecimento beneficiado a partir do contato com o outro. Essas ocasiões contribuem para os alunos, individualmente, realizarem as próprias leituras do mundo assente em experiências que possibilitam a interpretação da realidade. A interação social nos momentos livres e aproveitáveis para atividades não relacionadas às demandas acadêmicas pode ser interpretada como uma forma de lazer, que se relaciona ao desenvolvimento humano e ao sentimento de felicidade (CABEZA, 2000, p. 13-15), consequentemente aprimorando a QV dos discentes. O lazer, subjetivamente, está associado à vivência de situações e experiências prazerosas e satisfatórias, resultantes de livres escolhas, e forma a maneira de um sujeito ser e se expressar e, portanto, a personalidade individual. A vivência do lazer não depende da atividade em si, mas do significado dado ao lazer por quem o experiencia (CABEZA, 2000, p. 15).

Tal como o lazer é uma necessidade humana, também é a alimentação adequada e regular, que diretamente se relaciona à QV e, no caso do CC, é propiciada pelo aspecto funcional da satisfatória dinâmica entre a cantina e a área de alimentação. De acordo com Berg, Koole e Wulp (2003, p. 136), a preferência por um ambiente é determinada por propriedades ambientais que possuem um significado funcional para o indivíduo. Ao cumprir com a função arquitetônica, a cantina e a área de alimentação têm ampliadas as chances de serem ocupadas, o que se observa no fato de alunos de turmas e cursos diferentes socializarem nesses locais. Em um estudo sobre espaço análogo (restaurante universitário), Cruz (2018, p. 84) indica que nele ocorrem simultaneamente várias formas de interação a partir de cada indivíduo ou grupo (constituído de pessoas de realidades diferentes), que transformam a universidade em um ambiente de socialização. Verificou-se que esse meio físico, caracterizado por um programa e uma função determinados, acaba se transformando também em um espaço que permite interações sociais conforme a ocupação que vai ocorrendo. Nesse caso, alimentação não é o único objetivo atendido pela arquitetura. Os aspectos subjetivos necessários para o desenvolvimento humano, que podem incluir a presença do círculo de amigos, a partilha de experiências vividas durante a rotina acadêmica e o intercâmbio de ideias com outras pessoas, também são contemplados (CRUZ, 2018, p. 84).

Além do espaço edificado, o entorno imediato aberto do CC também interfere na socialização discente. Ao analisar as características de dois campi universitários, Albuquerque, Silva e Kuhnen (2016, p. 903) apontam que o contato com espaços livres verdes pareceu estar associado a momentos de interação ativa entre as pessoas e o ambiente. Isso evidencia a importância de aumentar, na área externa que contorna o CC, a presença da vegetação, que contribuiria positivamente para o meio físico, tornando o microclima local mais ameno (algo essencial, tendo em vista o clima semiárido da cidade de Pau dos Ferros) e qualificando esteticamente as visuais desde as áreas internas da edificação. A esse respeito, Melo e Severo (2007, p. 81) assinalam que a presença de vegetação no campus de uma universidade no sul do Brasil desencadeia a percepção humana das relações entre as formas, texturas e cores das espécies vegetais, que, em associação com a paisagem criada, configuram um “desafio à sensibilidade”. Na área livre próxima ao CC, o plantio de mais árvores poderia ainda estimular outros sentidos dos ocupantes, como o olfato, a audição e o tato. Tendo-se um ambiente mais acolhedor nesse sentido, não somente a interação social seria favorecida e qualificada mas a QV seria melhorada, já que, conforme Loboda e De Angelis (2005, p. 131), esta se atrela diretamente ao ambiente, sendo as áreas verdes elementos imprescindíveis para o bem-estar das pessoas, pois influencia a saúde física e mental humana.

4. Considerações finais

Este artigo apresentou os resultados de uma atividade elaborada com discentes do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFERSA e objetivou, de modo geral, avaliar o desempenho do ambiente construído como suporte às interações sociais da comunidade acadêmica.

Especificamente, a pesquisa buscou evidenciar o impacto da interação social na qualidade de vida dos estudantes universitários, relacionando-o com o espaço construído do CC e chamando atenção para a importância de haver meios físicos que favoreçam o relacionamento interpessoal desse público específico. Para tanto, explorou as contribuições da Psicologia Ambiental a fim de investigar o projeto arquitetônico ao mesmo tempo que incentivou o autoconhecimento e a intuição dos alunos, levando a descobertas relativas ao pensar, projetar e (futuramente) construir o ambiente educacional.

Acredita-se ser por meio da interação com as condições físicas e sociais do ambiente universitário que os discentes desenvolvem conhecimentos e se reconhecem como parte de um grupo, configurando não apenas uma relação entre indivíduos o ambiente físico que os acolhe mas uma relação de interação total. A universidade configura um ambiente onde se desenvolvem muitos aspectos da vida de um profissional em formação, devendo lhe proporcionar acolhimento e QV desde o ingresso até a formatura. Isso evidencia a importância de se atentar à produção do espaço construído, que influencia e é influenciado pelos ocupantes. A compreensão dessa dinâmica pode ser auxiliada pelos estudos da Psicologia Ambiental, que contribuem para o processo projetual da arquitetura e possibilitam a construção de ambientes que contemplem, de modo equilibrado, a questão funcional e a saúde e o bem-estar humanos. Verifica-se que, em espaços universitários, são indispensáveis a adoção de mobiliário confortável, ergonomicamente adequado e flexível, que maximiza as chances de os ambientes serem ocupados pelos estudantes, e a inserção de áreas verdes e soluções baseadas na vegetação (que, no caso da UFERSA, impacta diretamente a percepção ambiental dos discentes desde a descida do ônibus até a chegada à sala de aula), as quais podem mitigar o estresse gerado pela vida acadêmica. Outrossim, é recomendável que esses espaços sejam passíveis de exploração pelos alunos, promovendo a avaliação crítica e a intuição-imaginação-criatividade, o que pode resultar em descobertas úteis para se construir, futuramente, uma sociedade mais inclusiva e autônoma.

Por fim, verificou-se que a aplicação do método do *Behavior Setting* (BS) possibilitou reunir informações sistemáticas a respeito do modo como os ocupantes se apropriam do CC e usam o meio físico para desempenhar atividades. À guisa de sugestão para futuros estudos similares, orienta-se que estes explorem outras possibilidades de aplicação desse método, incomum à prática de profissionais atuantes na área de projeto do ambiente construído, e operem os dados obtidos a partir da observação da realidade, caracterizada pelos ambientes estudados, a fim de gerar diretrizes projetuais e/ou quadros de recomendações para qualificar o projeto arquitetônico.

Referências:

ALBUQUERQUE, Dayse da Silva; SILVA, Dnyelle Souza; KUHNNEN, Ariane. Preferências Ambientais e Possibilidades de Restauo Psicológico em Campi Universitários. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 4, p. 893-906, out./dez. 2016.

ANVERSA, Andreisi Carbone; SANTOS FILHA, Valdete Alves Valentins dos; SILVA, Emilyn Borba da; FEDOSSE, Elenir. Qualidade de vida e o cotidiano acadêmico: uma reflexão necessária. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 26, n. 3, p. 626-631, 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14022**: Acessibilidade em veículos de características urbanas para o transporte coletivo de passageiros. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050**: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2020.

BARKER, Roger G. **Ecological psychology**: concepts and methods for studying the environment of human behavior. Stanford: Stanford University Press, 1968.

BERG, Agnes van den; KOOLE, Sander L.; WULP, Nickie Van der. Environmental preference and restoration: (How) are they related? **Journal of Environmental Psychology**, v. 23, n. 2, p. 135-146, 2003.

CABEZA, Manuel Cuenca. **Ocio humanista**: dimensiones y manifestaciones actuales del ocio. Documentos de Estudios de Ocio, núm. 16. Bilbao: Instituto de Estudios de Ocio – Universidad de Deusto. 2000.

CARDOSO, Josiane Viana; GOMES, Carlos Fabiano Munir; PEREIRA JUNIOR, Ronaldo José; SILVA, Daniel Augusto da. Estresse em estudantes universitários: uma abordagem epidemiológica. **Revista de Enfermagem – UFPE on line**, v. 13, 2019.

CRUZ, Wagner Dumont Carver Asao. Estudo de campo do Restaurante Universitário: o restaurante é ou se torna um espaço de socialização?. **ÂNDÉ: Ciências e Humanidades**, São Bernardo do Campo, v. 2, n. 2, p. 83-90, set. 2018.

ELALI, Gleice Azambuja. **Ambientes para educação infantil: um quebra-cabeças?**: contribuição metodológica na avaliação pós-ocupação de edificações e na elaboração de diretrizes para projetos arquitetônicos na área. Volume 2. 2002. 248 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

KRAUSZ, Vinícius. **ABSTRACTUS**: mobiliário urbano de concreto e bambu (cidades, coletivos e construções). 120 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Desenho Industrial – Projeto de Produto) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

LEE, Jungkwon; GRAHAM, Antonnette V. Students' perception of medical school stress and their evaluation of a wellness elective. **Medical Education**, v. 35, n. 7, p. 652-9, 20 dez. 2001.

LOBODA, Carlos Roberto; DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingos. Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, uso e funções. **Ambiência**, Guarapuava, v.1, n. 1, p. 125-139, jan./jun., 2005.

MELO, Evanisa Fátima Reginato Quevedo; SEVERO, Branca Maria Aimi. Vegetação arbórea do campus da universidade de passo fundo. **Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana**, Piracicaba, v.2, n.2, p. 76-87, 2007.

NOGUEIRA-MARTINS, Luiz Antonio; NOGUEIRA-MARTINS, Maria Cezira Fantini. Saúde Mental e Qualidade de Vida de estudantes universitários. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, v. 7, n. 3, p. 334-337, nov. 2018.

SOARES, Adriana Benevides; FRANCISCHETTO, Vanuza; DUTRA, Betânia Marques; MIRANDA, Jacqueline Maia de; NOGUEIRA, Cátia C. de C.; LEME, Vanessa R.; ARAÚJO, Alexandra M.; ALMEIDA, Leandro. O impacto das expectativas na adaptação acadêmica dos estudantes no Ensino Superior. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 19, n. 1, p. 49-60, 2014.

SOARES, Adriana Benevides; MONTEIRO, Marcia Cristina; MAIA, Fátima de Almeida; SANTOS, Zeimara de Almeida. Comportamentos sociais acadêmicos de universitários de instituições públicas e privadas: o impacto nas vivências no ensino superior. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 14, n. 1, p. 1-16, mar. 2019 .

WHOQOL: Measuring Quality of Life. **World Health Organization**, 2022. Disponível em: <https://www.who.int/tools/whoqol>. Acesso em: 18 jul. 2022.

WIESENFELD, Esther. A psicologia ambiental e as diversas realidades humanas. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 16, n. 1/2, p. 53-69, 2005.